

BOA VISTA IMAGINADA: MEDIAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DA CIDADE ATRAVÉS DOS IMAGINÁRIOS URBANOS

IMAGINED BOA VISTA: MEDIATION AND REPRESENTATION OF THE CITY THROUGH THE URBAN IMAGINARIES

BOA VISTA IMAGINADA: MEDIACIÓN Y REPRESENTACIÓN DE LA CIUDAD A TRAVÉS DE LOS IMAGINARIOS URBANOS

Luís Müller Posca

■ Docente da Universidade Federal de Roraima (UFRR) e doutorando no programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Universidade de Brasília (UnB).

■ E-mail: luis.posca@ufrr.br

Daniela Fávaro Garrossini

■ Docente da Universidade de Brasília (UnB). Doutora em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB). Seus trabalhos mais importantes são: *Tecnopolítica e novos territórios de disputa: análise de uma guerra de posições* (2019), *Introdução à Teoria da Comunicação Educativa* (2015).

■ E-mail: dani.garrossini@gmail.com



RESUMO

Este estudo, inspirado na Metodologia de trabalho do projeto Cidades Imaginadas de Silva (2006), apresenta duas aplicações do projeto Boa Vista Imaginada com enfoque na investigação dessa cidade e em sua representação a partir de uma perspectiva cidadã. O artigo apresenta e discute dados iniciais e experimentações sobre a investigação dos imaginários urbanos de Boa Vista e tem como base o processo de mediação do espaço urbano a partir de uma prática de deambulação subsidiada pela metodologia de Artes Cívicas de Careri (2017). O processo de pesquisa e suas aplicações foram desenvolvidas em uma disciplina de graduação em Artes Visuais na UFRR.

PALAVRAS-CHAVE: BOA VISTA; URBE; CIDADE; IMAGINÁRIOS URBANOS; MEDIAÇÃO.

ABSTRACT

This study, inspired by the working methodology of the project Imagined Cities by Silva (2006), presents two applications of the Imagined Boa Vista project with a focus on the investigation of this city and its representation from a citizen perspective. The article presents and discusses initial data and experiments on the investigation of the urban imaginary of Boa Vista and is based on the process of mediation of urban space from a practice of walking supported by the methodology of Civic Arts by Careri (2017). The research process and its applications were developed in an undergraduate course in Visual Arts at UFRR.

KEY WORDS: BOA VISTA; URBE; CITY; URBAN IMAGINARIES; MEDIATION.

RESUMEN

Este estudio, inspirado en la metodología de trabajo del proyecto Cidades Imaginadas de Silva (2006), presenta dos aplicaciones del proyecto Boa Vista Imaginada con un enfoque en la investigación de esta ciudad y su representación desde una perspectiva ciudadana. El artículo presenta y discute datos iniciales y experimentos sobre la investigación del imaginario urbano de Boa Vista y se basa en el proceso de mediación del espacio urbano a partir de una práctica de caminar sustentada en la metodología de Artes Cívicas de Careri (2017). El proceso de investigación y sus aplicaciones se desarrollaron en un curso de pregrado en Artes Visuales en la UFRR.

PALABRAS CLAVE: BOA VISTA; URBE; CIUDAD; IMAGINARIO URBANO; MEDIACIÓN.



1. Introdução

Ao iniciarmos um texto cujo centro do debate é a Cidade, logo pensamos em uma rápida definição de cidade como uma área urbanizada, que inclui uma determinada população e que pode variar entre poucas centenas até dezenas de milhões de habitantes. Ou, buscando termos mais técnicos, designa uma dada entidade político-administrativa urbanizada que concentra ofertas de serviços culturais, religiosos, de infraestrutura ou consumo e que reúne os mais diversos fluxos e atividades humanas. É fato que a cidade contemporânea é palco de diversas transformações, tanto físicas como sociais, em um sistema complexo de alterações, trocas, apagamentos e construções sociais da realidade, em que o ser humano é o personagem central desta trama que se conecta a este espaço, transformando em realidade seus sonhos do que é viver. Todavia, essa trama urbana vai sendo configurada através de processos culturais e tão importante quanto **sujeito e cidade** há também que se considerar o fator **tempo** ao tratarmos do espaço urbano, pois para olhar, enxergar e captar essa cidade sem as lentes opacas que a vida contemporânea nos impõe é preciso contextualizar o tempo nos estudos de uma urbe; logo, as rotinas cidadãs e os ritmos acabam nos condicionando a um olhar efêmero, fugaz, que cada vez mais afetam nossos modos de se relacionar com o espaço urbano, conseqüentemente nossa vida em sociedade.

O olhar e não ver, o experimentar os contextos diários e não os sentir, talvez por estarmos “acostumados” ou “anestesiados” nos percursos experimentados no cotidiano, podem levar os atores de uma urbe a uma não reflexão sobre os espaços que ocupam, e conseqüentemente a se adaptarem às fantasmagorias de um ou outro lugar, perdendo o potencial das afecções que a cidade traz. É a cidade que é construída no coletivo, e na qual deixamos, a cada segundo vivido, uma herança.

É sobre esse tempo ao qual nos referimos como sendo ele o grande narrador histórico e geopolítico. Assim, para se compreender uma nova urbanidade, na qual se concretizam várias maneiras de ser cidadão, incluímos mais uma condição, a de mediação entre as experiências com o urbano por uma perspectiva cidadã.

É assim que recorremos à busca pela **cidade imaginada**. Em suma, as cidades imaginadas são entendidas como expressividades grupais, com seus modos singulares de ser e, desse modo, no convívio com seu sentido de estar em público. Logo, os estudos sobre imaginários se dedicam a entender de que forma construímos e arquivamos na memória individual e pública desde nossos desejos e percepções sociais até nosso modo grupal de ver, de viver, de habitar e desabitatar nosso mundo. O imaginário, então, tem um efeito social real (SILVA, 2014).

Ainda de acordo com Silva (2001), essa cidade aparece quando é possível distinguir entre a cidade e o urbano, quando ser urbano excede a visão da cidade e esta nova urbanidade passa a ser tanto uma condição da civilização contemporânea quanto uma referência com respeito a viver numa urbe. A cidade imaginada pode ser entendida também como um tipo de patrimônio imaterial que caracteriza e predeline o uso da outra, a cidade física. Ela vem apontada em direção aos novos fenômenos urbanos de invisibilidade com a qualificação de urbanismo cidadão, o fato social que não se define num lugar, nem numa cidade, nem nos subúrbios, mas que é carregado por seus diversos habitantes, em suas próprias representações e na mesma medida de sua própria urbanização; por isso, a cidade imaginada corresponde a um novo urbanismo cidadão contemporâneo centrado nos indivíduos e em sua teia social a partir do momento em que adquirem uma consciência social de que existe uma cidade imaginada coletivamente e que ela deve afetar os espaços reais das cidades. Logo, através desta



relação, ocasionando transformações e redefinições nos modos de ser e de viver a cidade. Silva (2014, p. 27) reitera que:

Os imaginários correspondem à imagem pública que os cidadãos fazem da cidade; logo, os imaginários urbanos aparecem como fatos públicos que urbanizam. Dessa maneira, estabelecem-se vasos comunicantes que determinam e que vão esclarecendo o objeto de estudo: não se concebem imaginários individuais e não há construção pública se estes não vão além do íntimo e do privado.

Partindo desse ponto de vista do imaginário que busca a cidade pela perspectiva da coletividade cidadã que a habita e usa, uma investigação sobre os imaginários é sobretudo uma investigação de sentimentos que afetam o urbano: medo, amores, ódios, que servem de base para a construção do que Silva (2001) chama de “croquis cidadãos¹”. O objetivo final do trabalho com os imaginários urbanos é captar essa cidade subjetiva que os cidadãos levam em suas mentes e nos seus modos de vida, com intuito de compreender e evidenciar as construções coletivas sobre temas urbanos, tais como: acontecimentos locais, personagens, escalas de cheiros e cores que identificam as cidades.

¹ “Croquis cidadãos relacionam-se com a forma de estudo da estética urbana construída pelos moradores. Croquis, não no sentido estrito de sair às ruas e desenhar nos muros e fazer arte, mas de uma construção no sentido de reconhecer formas que habitam as mentes desses cidadãos, por segmentação de seus espaços vividos e sua respectiva projeção grupal (pontos de vistas urbanos) [...]. A cidade já não permite mais ser assumida em sua imensidade geográfica, se o mapa marcava fronteiras geopolíticas atualmente se vive mais o croqui do que o mapa, pois os croquis desmarcam os mapas e os fazem viver seu oposto: não o que é imposto como fronteira, mas o que me imponho como desejo. Logo, segundo determinados pontos de vista cidadãos, uma coletividade pode usar ou evocar sua urbe sob coincidências grupais que os fazem viver um croqui cidadão. É por isso que uma cidade a partir de seus imaginários se vive por seus croquis cidadãos”. (SILVA, 2014, p. 171-177)

Enfim, construções imaginárias que transcendem as informações empiricamente comprováveis sobre a cidade e sobre a representação tradicional da urbe fisicamente construída, tendo como suporte um novo **urbanismo cidadão**, centrado nos habitantes e em sua teia social, ou seja, novos modos de construção da realidade da cidade pautadas “naquelas representações coletivas que governam os sistemas de identificação social e que tornam visível a invisibilidade social” (SILVA, 2006, p.22).

Buscamos, então, neste estudo dos imaginários, uma aproximação entre cidade e cidadãos como forma de mediação no e do espaço urbano da cidade/capital do Extremo-Norte do Brasil – Boa Vista. Tal investigação parte de duas experimentações realizadas no ano de 2020 com uma abordagem metodológica que buscou encontrar aspectos dessa cidade na condição de espaço simbólico e de mediação. Essa investigação aconteceu com um grupo de estudantes com a intenção de descobrir o imaginário dessa cidade e como esse grupo percebe e usa esse espaço urbano. A metodologia de trabalho consistiu na utilização adaptada de dois métodos de trabalho, o primeiro adaptado de Armando Silva, com a aplicação-teste do questionário base do projeto Cidades Imaginadas (SILVA, 2006), cujos resultados principais serão apresentados na primeira seção do artigo. A segunda aplicação se deu através de uma prática de mediação do espaço público, no centro de Boa Vista, utilizando o método de deambulação de Artes Cívicas de Francesco Careri (2017).

As duas aplicações aconteceram em uma disciplina de férias na Universidade Federal de Roraima – UFRR, no curso de Artes Visuais, em janeiro de 2020 (período pré-pandemia de Covid-19) sob a supervisão do autor deste texto. Ressaltamos que as primeiras ideias em relação a Boa Vista Imaginada vêm sendo formuladas desde 2019, juntamente ao projeto “Brasília



imaginada – A cidade representada por meio de seus processos simbólicos” (2017), projeto que os autores deste texto participam e coordenam. Ambos os projetos estão vinculados ao Programa de Pós-graduação em Artes Visuais e Design da Universidade de Brasília – UNB e contam com a participação do Dr. Armando Silva, autor da metodologia original do projeto cidades imaginadas. Apresentamos a aplicação-teste em Boa Vista na seção a seguir.

2. Construção do imaginário de Boa Vista – Primeiros experimentos

A cidade de Boa Vista, capital do estado de Roraima, é uma urbe conhecida por ser a capital brasileira mais distante de Brasília. É a única que está no hemisfério Norte, totalmente acima da linha do Equador, considerada uma das capitais mais jovens do Brasil. Passou por um processo de planejamento urbano que redesenhou a cidade na segunda metade do séc. XX, sendo geralmente associada pela população brasileira a um território com fortes raízes indígenas. Sobretudo, é um espaço urbano fortemente marcado pelas trocas culturais advindas de processos migratórios diversos, marcados e intensificados pela presença dos trânsitos internacionais entre pessoas dos países vizinhos – República da Guiana Inglesa e Venezuela.

Diante desse contexto, iniciamos a pesquisa sobre Boa Vista imaginada em 2019, com o intuito de testar uma parte da proposta de mediação da informação urbana como uma prática social de construção compartilhada do espaço. À época, foi desenvolvida pelo autor uma disciplina² de férias sobre as relações entre Arte e a cidade de Boa Vista, de modo que, juntamente com os

alunos/participantes da disciplina/pesquisa, pudemos testar duas possibilidades metodológicas derivadas da metodologia de trabalho criada por Armando Silva (2006), a fim de construirmos breve instrumental sobre percepções simbólicas dessa cidade através desses agentes participantes, seguindo a perspectiva cidadã como condutora da experiência.

A proposta dessa aplicação como forma de mediação da informação surge também como uma prática social que possibilitou o encontro dos sistemas de conhecimento presentes na construção do espaço urbano. Em um primeiro momento, aplicamos parte do questionário base, criado para o estudo do projeto Cidades Imaginadas da América Latina e apresentamos, a seguir, algumas informações preliminares acerca dos dados coletados com esse grupo, na tentativa de captar a percepção simbólica desta coletividade que habita e vive nessa cidade. Vale lembrar que os dados produzidos por esta pesquisa fogem a intenção meramente estatística de compreensão do espaço físico, mas tem uma intenção maior, que é a de estudar os imaginários e, a partir deles, desenvolver um retrato dessa cidade a partir de como a coletividade cidadã que ocupa e usa o espaço hoje a percebe.

A partir da teoria de Silva (2001), estruturamos um método para realizar as primeiras experimentações. Primeiramente, selecionamos 40 questões das 82 qualificadas originalmente dentro do que na metodologia de Silva chamamos de lógica tria: Cidade Vista (centrada no espaço “real” da cidade), Marcada (centrada no cidadão que usa a cidade) e outridades (centrada na percepção da cidade a partir da visão do outro e em comparação com outras cidades) para enfim desvendarmos a Cidade Imaginada, centrada na coleta das percepções simbólicas sobre a cidade e que acabam afetando nossos modos de ser cidadão na cidade real (SILVA, 2006).

Selecionadas as questões, partimos então para

² A disciplina eletiva **Tópicos específicos em arte e cultura II** foi desenvolvida no curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Roraima – UFRR, no período entre janeiro e fevereiro de 2020, pré-pandemia de Covid-19, em que foi possível realizar ações presenciais tanto na Universidade como nos espaços da cidade.



a aplicação, em sala de aula, com um grupo de seis estudantes de graduação³, que tiveram inicialmente aulas introdutórias sobre a relação entre arte e cidade, até adentrarem ao campo dos imaginários e serem informados das duas práticas experimentais. Convém ressaltar aqui que todas as questões propostas na metodologia de cidades imaginadas são subjetivas, pois o que estamos averiguando são as emoções e afecções dos cidadãos quando vivem a sua cidade com o objetivo de alcançarmos a construção de croquis cidadãos.

Nesta aplicação experimental, não seguimos estritamente as orientações metodológicas de Silva, uma vez que, naquele momento, a proposta não era trabalharmos um universo pesquisável, que representasse fidedignamente um valor estatístico, baseado na totalidade da população da cidade. Portanto, aplicar as 82 questões, propostas por Silva, sem antes conhecer um pouco mais sobre como os sujeitos percebem a cidade fugiu da nossa intenção inicial, que foi compreender um pouco mais sobre este espaço urbano e traçar um panorama inicial sobre a Boa Vista Imaginada, para que, após essa primeira análise experimental, pudéssemos aplicar o método, em sua totalidade, com um grupo maior.

Ressaltamos que, embora o autor em sua proposta metodológica indique que o estudo deve partir de uma compreensão do espaço urbano a partir dos dados oficiais da cidade, cada uma das cidades imaginadas tem peculiaridades que podem e devem ser exploradas, para além das orientações metodológicas iniciais. Em nosso caso, o fato de Boa Vista ser uma cidade planeja-

da e com aspectos de fronteira produzirá imaginários que podem ser ampliados e compreendidos nesse processo de coleta de dados e posterior análise.

Na primeira parte da aplicação, que é composta por uma parte de identificação do entrevistado, foi possível atestarmos primeiramente a condição marcante de migração da população boa-vistense, que também pode ser atestada pelos dados oficiais da cidade, já que, segundo o Censo do IBGE (2010), 45,3% dos habitantes de Boa Vista não são naturais da cidade. Em nossa análise, metade dos participantes responderam que não eram naturais de Boa Vista e aqui chegaram devido a processos migratórios impulsionados pela atividade de Garimpo entre o final da década de 1980 e início da década de 1990.

A questão climática foi um dos primeiros pontos de consenso do grupo, tendo em vista que todos os participantes afirmaram que se locomovem na cidade apenas por meio de transportes próprios ou coletivos e evitam as caminhadas devido ao calor e ao sentimento de insegurança; como veremos na sequência, as caminhadas ficam restritas apenas às praças principais da cidade. Ainda sobre o clima, percebemos que houve uma forte associação ao calor da cidade em outros pontos do questionário. Segundo os participantes, esta cidade por unanimidade é representada pelo período da tarde e, como podemos atestar no gráfico abaixo, 75% dos participantes consideram que a cor que representa Boa Vista é Laranja, uma cor quente e que pode estar associada a essa questão climática típica de uma cidade amazônica e ao período vespertino.

³ Nesse grupo, contamos com o seguinte recorte demográfico: um participante natural do Estado do Maranhão e outro natural do estado do Amazonas que migraram juntamente com suas famílias para Boa Vista, no final dos anos 80, em decorrência da atividade de Garimpo. Os outros quatro participantes são naturais do estado de Roraima, sendo que um deles viveu boa parte na cidade de Pacaraima e retornou para Boa Vista, e os demais viveram a vida toda nessa cidade. Ressalta-se que alguns deles têm fortes raízes indígenas.

Gráfico 1. Cor da cidade de Boa Vista.



Fonte: Próprios autores.

Além do clima, foi possível encontrar nas respostas uma forte presença, nos respondentes, sobre a política local, com dados que denotam que Boa Vista transmite a eles as sensações de **cansaço** e **perigo**. Além disso, a evocação política também apareceu em diversas outras percepções acerca das reformas e limpeza de espaços públicos, bem como a uma certa **higienização** da cidade, evocada pelas revitalizações recentes promovidas pela Prefeitura Municipal – algumas delas com o intuito de evitar a ocupação por venezuelanos em situação de rua.

Nesse sentido, pela percepção imaginária do

grupo, temos como locais mais limpos da cidade o Centro Cívico e o complexo Ayrton Senna de praças, espaços onde se concentram, respectivamente, os três poderes estaduais e algumas das principais praças da cidade que ficam no eixo central da parte planejada da cidade. No Gráfico 2, esses mesmos locais são citados como aqueles que identificam Boa Vista. A saber, a Praça das Águas faz parte do complexo Ayrton Senna de praças, porém é a Orla Taumanan, com 67% das percepções, que é considerada o lugar que mais identifica Boa Vista, um dos espaços da cidade que detêm a melhor vista do Rio Branco.

Gráfico 2. Lugares que identificam Boa Vista.



Fonte: Próprios autores



Ainda sobre os lugares representativos da cidade, entre todos os que foram citados pelo grupo, apenas a Mangueira da Avenida Ataíde Teive se encontra deslocada do espaço central da cidade, já que a Igreja Matriz, a Prelazia e a antiga Casa da Cultura ficam próximas ao trecho central e inicial da cidade, à beira do Rio Branco, onde

situa-se também a Orla Taumanan. Os demais monumentos ou lugares citados ficam todos orbitando a praça do Centro Cívico e o Complexo Ayrton Senna: Assembleia Legislativa, Portal do Milênio e o Cine SuperK, como podem ser visualizados no Gráfico 3:

Gráfico 3. Lugares representativos da arquitetura de Boa Vista.



Fonte: Próprios autores

Uma fantasmagoria⁴ muito presente, na análise dos questionários, foram associações aos sentimentos de medo, insegurança e perigo. Tais sensações geralmente se associaram à figura do Garimpeiro (Monumento central do Centro Cívico), à presença do imigrante (sobretudo o venezuelano). Além disso, em alguns depoimentos, esses sentimentos de insegurança e medo foram associados à presença constante dos militares em Boa Vista.

Nesse sentido, no Gráfico 4, que mostra os

personagens que representam Boa Vista, checamos que, de acordo com o grupo, o Garimpeiro e os migrantes foram os personagens mais citados pelos participantes como representativos da cidade; apareceram ainda a figura dos políticos locais, muitas vezes associados à pessoa do nacionalmente conhecido político de Roraima Romero Jucá. Além destes, foram citados ainda o monumento do Tamanduá, que fica na orla Taumanan e o artista do movimento Roraimeira, Neuber Uchôa.

⁴ “O fantasma urbano significa a incidência do imaginário sobre as representações sociais [...] associa os comportamentos ou reações dos cidadãos a uma ordem fantasiosa, como um “fantasma” que ronda a cidade e que acaba transformando e vivenciando o processo de urbanização. Quando a fantasia cidadã faz efeito em um simbolismo concreto em temas urbanos como boatos, piadas, nome dos objetos ou a marca de um lugar como sítio territorial, então a condição cidadã de urbanismo se faz presente como a imagem de uma forma de ser (espectral ou fantasmagórica)” (SILVA, 2014, p. 47).



Gráfico 4. Personagem representativo de Boa Vista.



Fonte: Próprios autores

Pudemos atestar, também, que a imagem que os participantes da pesquisa têm de Boa Vista é a de uma **cidade de interior**, embora ela seja uma capital. Foram feitas várias associações à natureza e a uma sensação de **calmaria e tranquilidade** ao se referirem à representação desta urbe.

Além de sua própria percepção sobre Boa Vista, foi questionado também qual seria a imagem desta urbe pela perspectiva do **olhar do outro** ou **o que não habita a cidade**. Segundo as percepções dos participantes, a imagem que esse outro tem sobre Boa Vista é muito próxima da representação que eles mesmos citaram, potencializada pelo contato próximo com a natureza, que caracterizaria, assim, Boa Vista como calma em comparação com outras urbes que têm poucas reservas naturais. Isso produz, de certa forma, uma alegoria de que Boa Vista é uma grande aldeia/comunidade, construindo desta forma uma imagem de **cidade floresta**, cheia de índios, entremeados por casas e edifícios.

Ainda citaram que esse outro associaria Boa Vista a uma imagem de insegurança, devido ao processo migratório venezuelano⁵. A migração

foi um dado recorrente e, no Gráfico 5, podemos checar que, entre os participantes, o acontecimento mais importante em Boa Vista nos últimos 10 anos, com 67%, foi a imigração Venezuelana. Além da imigração, para 33% dos respondentes, a revitalização dos espaços públicos da cidade foi o acontecimento mais importante, o que, de certa forma, em nossa concepção, também tem uma conexão com o processo migratório venezuelano, haja visto que os imigrantes em situação de rua ocuparam diversos espaços públicos, abandonados pelo poder público, no processo de se estabelecer em Boa Vista devido a falta de vagas nos abrigos oficiais da Operação Acolhida. Em muitos casos, os imigrantes foram retirados por esta operação do Governo Federal, ou por meio de revitalizações diversas de prédios por parte da Prefeitura Municipal ou dos processos de interiorização dos imigrantes (2018-2020).

à imagem da cidade bela e planejada, também é perpassado pelas narrativas midiáticas que relatam a presença do migrante na cidade, como nos seguintes exemplos: “Venezuelanos levam o caos a Roraima” (O GLOBO, 2016) e “Venezuelanos e brasileiros se confrontam nas ruas de cidade de Roraima” (FOLHA, 2018) (POSCA; GARROSINI, 2021).

⁵ Parte desse imaginário urbano que evoca a insegurança e o medo, decorrentes da presença do migrante venezuelano em contraponto



Gráfico 5. O acontecimento mais importante de Boa Vista.



Fonte: Próprios autores.

3. Deambulação em Boa Vista – Caminhar e olhar como método de Mediação

Após a aplicação do questionário base de Armando Silva e de posse de algumas informações sobre como os sujeitos participantes conhecem e usam o espaço urbano de Boa Vista, estes foram apresentados a uma outra metodologia, desta vez proposta por Francesco Careri (2017), em seu curso transdisciplinar que chamou de Artes Cívicas, com o intuito de que seus estudantes explorassem e se reapropriassem da cidade de Roma tendo como metodologia de pesquisa e didática a deambulação, ou seja, a experimentação direta da arte da descoberta e da transformação poética e política dos lugares. Um curso que elevou, segundo o autor, sua universidade a uma dimensão nômade e que foi capaz de fugir das paredes das salas de aula.

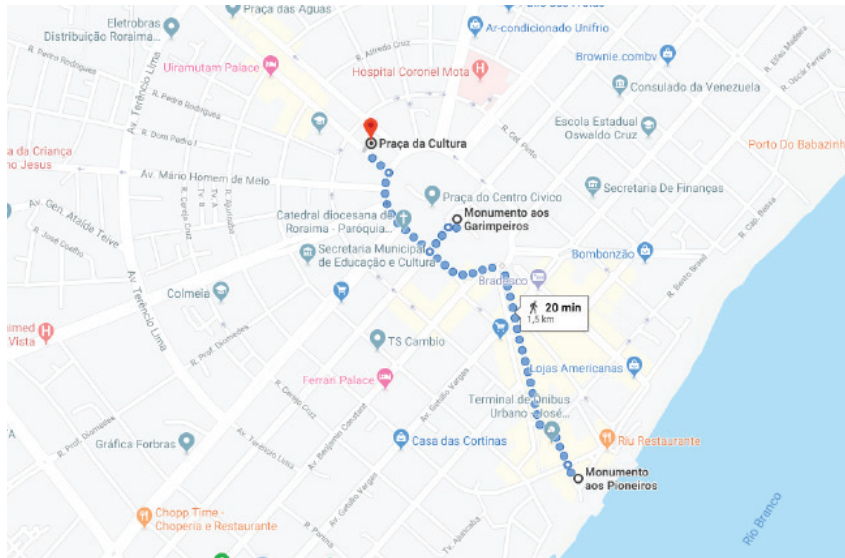
O curso de Artes Cívicas pede aos estudantes e aos cidadãos que se encontram ao longo do percurso de agir na cidade em escala 1:1, como ação física de seus corpos no espaço. Tem o objetivo de reativar suas capacidades inatas de transformação criativa, de lembrá-los que eles têm um corpo que lhes permite se posicionar dentro da cidade; pés para caminhar e mãos

para modificar o espaço que habitam. Durante cada aula são percorridos cerca de dez quilômetros, caminhando do almoço ao pôr do sol. De vez em quando paramos para ler alguns textos, para comentar os espaços em que conseguimos penetrar, para raciocinar sobre a cidade, sobre a arte e sobre a sociedade (CARERI, 2017, p.8).

Voltando para aplicação em Boa Vista, devidamente apresentados à metodologia de caminhar e parar, das Artes Cívicas (CARERI, 2017) e refletindo sobre os dados simbólicos coletados acerca dos imaginários urbanos de Boa Vista, realizamos uma nova aplicação teste com esses sujeitos participantes com o objetivo de deambular com esse grupo no centro histórico de Boa Vista e adentrarmos no uso desse espaço pelos estudantes e como estes se sentiam sujeitos pertencentes e representados pelos dispositivos e objetos dispostos pela urbe. Para tal aplicação, apenas duas regras ou *contraintes* foram sugeridas: – o local de partida: o monumento aos pioneiros de Roraima, e o local de chegada: a praça da cultura – monumento aos três pioneiros, no complexo Ayrton Senna, uma caminhada de cerca de 20 minutos.



Figura 1. Mapa prévio da caminhada.



Fonte: Próprios autores.

Todo o percurso deveria acontecer a pé, o que fez o grupo sair da zona de conforto, tendo em vista que identificamos anteriormente que esta coletividade se locomove apenas através de transportes públicos ou particulares. Mas, diferentemente da experiência de Careri em Roma que aplica as caminhadas logo após o almoço, nossa proposta foi executada no final de tarde, devido ao clima quente de nossa cidade. Os participantes, Figura 2, foram instruídos que podiam propor paradas para conversar/observar/apontar para qualquer espaço do trajeto ou trazer informações sobre algum lugar/monumento deste caminho e definir o percurso que o grupo deveria seguir.

Desde a sala de aula, havia um entendimento por parte do grupo sobre o conceito de mediação da informação e a compreensão da mediação como um processo de comunicação distinto, que se excede à mera transferência unilateral de informação, pois possibilita a transformação de seus agentes envolvidos. Logo, neste momento de errância, não havia mais a figura do Professor que deveria indicar os caminhos e, sim, todos ali presentes se viram como agentes capazes de realizar a mediação de sua cidade, com suas histórias, lembranças, informações prévias e sobretudo seus sentimentos acerca do uso e pertencimento do espaço urbano.

Figura 2. Participantes da deambulação pelo Centro de Boa Vista⁶.



Fonte: Próprios autores.



A mediação, como apontada por Martin-Barbero (1987), pode acontecer em espaços de onde surgem as constituições que delineiam a materialidade social, quando inserida em um âmbito de práticas sociais engajadas e abrange uma visão da informação como meio de comunicação generalizada. Para o autor, as mediações podem se delinear na experiência cotidiana, em escalas de diferentes tempos e nos processos cognitivos das pessoas. Logo, para que haja mediação da informação, é preciso envolvermos diálogos entre conhecimentos teóricos e práticos, a fim de possibilitar a transformação dos sistemas de conhecimentos e a construção de um saber social (SILVA, 2018).

Além desse processo de deambulação, proposto nesta prática de mediação da cidade e das intervenções dos próprios participantes sobre onde parar, onde olhar, houve três momentos específicos de intervenção nesta caminhada. Primeiro: no monumento aos pioneiros de Roraima de 1995, refletindo sobre quem são os pioneiros representados na escultura; segundo: no monumento do Garimpeiro, no centro cívico, debatendo sobre a razão desse monumento ocupar o espaço de maior destaque na cidade e o que

ele representa para a identidade roraimense; e terceiro: ainda no centro cívico, foi proposto ao grupo de participantes que eles apontassem os outros **monumentos invisíveis** que ocupam essa área de grande disputa na cidade que é o centro cívico, tendo em vista que na discussão proposta no monumento ao garimpeiro todos os participantes afirmaram que desconheciam outros monumentos no espaço do centro cívico além do Garimpeiro.

Na Figura 3, segue uma imagem do mapa do centro de Boa Vista com as marcações finais de todas as paradas que foram realizadas durante o processo de mediação do espaço urbano através da metodologia de deambulação pelo centro de Boa Vista: 1. Veleiro – Primeiro Monumento aos pioneiros (1975), 2. Monumento aos pioneiros (1995), 3. Bar meu cantinho – Sede da antiga Fazenda Boa Vista, 4. Casa das 12 portas, 5. Casa da cultura, 6. Garimpeiro, 7. Coreto (homenagem a Raimundo Soares “Marreta” e memorial internacional ao indígena Macuxi Ovelário Tames), 8. monumento à Bíblia, 9. Monumento ao CAN, 10. Palácio da Cultura e por fim 11. Praça da cultura com o monumento aos 3 pioneiros (1992) – Índio, Fazendeiro, Garimpeiro.

6 Os participantes foram informados que o ponto de partida desta ação aconteceria no “Monumento aos pioneiros de Roraima”; assim, o grupo se reuniu no horário marcado em frente ao monumento inaugurado em 1995, enquanto eu os esperava no primeiro monumento aos pioneiros de Roraima (o Veleiro de 1975), que fica situado logo acima do monumento mais novo na praça Barreto Leite. Desta forma, foi possível checar que, por mais cotidiano que seja passarem pelo local, o Veleiro acabou se tornando o que chamamos de **monumento invisível** aos olhos dos participantes. Na imagem, é possível checar, à esquerda, o grupo no primeiro monumento aos pioneiros e, à direita, o grupo em frente ao monumento aos pioneiros de 1995.



maneira mais profunda essa cidade que é o palco de nossa vida cotidiana enquanto atores sociais e assim construir a sua imagem, sua história e se compreender ator no processo de construção da urbe.

O questionário base de Armando Silva, enquanto ferramenta de investigação do imaginário, nos deu pistas de como esse grupo, pertencente a uma coletividade cidadã maior, percebe a cidade e constrói seus croquis cidadãos, revelando ao longo da investigação seus desejos coletivos que afetam o urbano, como por exemplo a imagem de tranquilidade evocada no grupo de uma **capital com sensação de cidade de interior** em conflito com a **sensação de insegurança** advinda do medo evocado pela imigração venezuelana e a insegurança política, desejos esses que vão construindo novas realidades através do que Silva chama de novo urbanismo cidadão.

Já o método de caminhar e parar de Careri, que, em nosso caso, esteve mais para um **caminhar e olhar**, se apresentou como um método complementar à investigação de Boa Vista, enquanto cidade imaginada, pois através da deambulação foi possível levar esses sujeitos participantes a uma prática de mediação que os colocou diante desta cidade cheia de marcos, história, invisibilidades e compreender um pouco mais como estes sujeitos,

enquanto atores sociais, se veem ali representados e pertencentes a essa urbe, em um processo de mediação dialógico e com a perspectiva de construção social do conhecimento. Neste caso, captamos, *in loco*, sentimentos urbanos que não podem ser acessados através de dados empíricos e estatísticas oficiais da cidade como o cheiro dos espaços, os sons típicos de cada lugar e sobretudo, o que deixamos de enxergar em nossa cidade a partir do olhar efêmero imposto pela vida cotidiana ou embaçados pelos vidros dos carros, ônibus etc.

Através dos métodos aplicados, além da Boa Vista real (cidade física), um outro lugar, a Boa Vista imaginada, começa a ser desvendada através destas primeiras linhas de pensamento evocadas por essa pequena coletividade e que foram descritas e previamente analisadas neste trabalho. Esta nova cidade, a imaginada, busca um retrato desta urbe de agora e que está sendo construída por uma coletividade cidadã da teia social de Boa Vista. Buscamos, por fim, uma representação que capture as transformações desta cidade no tempo de hoje; transformações que são diferentes daquelas marcadas pelo tempo de nossa memória e de nossa história, sobretudo transformações de um tempo no qual estamos presentes para olhar para essa cidade, compreender e ter uma leitura desse lugar a partir do imaginário de seus cidadãos.

Referências

- CARERI, Francesco. *Caminhar e parar*. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini. São Paulo: Gustavo Gili, 2017.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo Brasileiro de 2010*. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.
- MAPA deambulação por Boa Vista, 2020. *GOOGLE EARTH-MAPS*. Disponível em: <<https://earth.google.com/earth/d/1dVBuRP97YPZHziKppMRFxpRl0tO103i?usp=sharing>>. Acesso em: 2 de mai. 2021.
- MARTIN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: Comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1987.
- POSCA, Luís Müller; GARROSSINI, Daniela Fávoro. Boa Vista, Roraima: Border city and cultural hybridization. *The international journal of social, political and community agendas in the arts*, Illinois, v.16, n. 1, p. 31 - 43, mar de 2021.
- SILVA, Armando. *Imaginários Urbanos*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- _____. *Imaginários: Estranhamentos urbanos*. Tradução de Carmen Ferrer. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2014.
- _____. *Imaginarios urbanos: hacia la construcción de un urbanismo ciudadano*. Metodología. Bogotá: Convenio Andrés Bello, Universidad Nacional de Colombia, 2006.
- SILVA, Ricardo Duarte Gomes da. Práticas comunicativas e representações do urbano por jovens de contextos rurais brasileiros. *Mediação*, Belo Horizonte, v. 20, n.26, p. 11-25, jan./jun. de 2018.